

NOTÍCIAS CNTV/VIGILANTES

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS VIGILANTES 07/Ago



cntv@cntv.org.br | (61) 3321-6143 | www.cntv.org.br | Edição 2019/2018



BAHIA: MJR/SESAB: CONQUISTA DO SINDICATO E DOS VIGILANTES INJETA MAIS DE 10 MILHÕES NA ECONOMIA DO ESTADO.



O Sindvigilantes com a parceria do Sindmetropolitano, Sindvigilantes/Feira e SVItabuna chegou hoje (6/8) ao 4º dia de entrega dos cheques aos 1018 vigilantes ativos e reservas da MJRato/Sesab em Salvador e no interior. Mais de 500 cheques já foram entregues e esperamos concluir tudo ainda nesta semana. Vamos registrar ainda:

10 MILHÕES NA ECONOMIA – Isto mesmo. A nossa conquista está injetando nestes dias cerca de 10 milhões na economia do Estado, em todas as regiões. Este dinheiro nas mãos dos vigilantes vai para o comércio do varejo, setor imobiliário (aquisição de moradia), setor da construção civil, veículos e muito mais. É o vigilante conquistando a sua melhoria de vida.

ATENDIMENTO AGIL, RÁPIDO E ORGANIZADO – Nesta segunda-feira não passou de 40 minutos

o tempo de espera, quando iniciado, para a entrega dos cheques a todos os vigilantes que estavam no Sindicato. Tudo com agilidade, rapidez e eficiência.

Do lado dos colegas MJRato/ Sesab só se viu reencontro (muitos que já trabalharam juntos e se reencontraram no Sindicato), comemoração e gratidão aos colegas que lutaram e direção do Sindicato pela condução competente.

RESPEITO, SIM. VINGANÇA, NÃO! – A forma como a direção do Sindicato lidou com uma situação criada por uma meia dúzia de mau-caráter, desonestos, gerou muito reconhecimento, respeito e gratidão de colegas por mais uma atitude da direção do Sindicato. Ao invés de dificultar o pagamento, retaliar e punir quem assinou um documento produzido por inimigos da categoria a mando dos patrões, com o único intuito de ajudar o patrão a desmoralizar o Sindicato, a categoria e evitar a conquista, a direção do Sindicato solicitou dos colegas apenas uma declaração que estava recebendo o cheque pelo Sindicato, sem qualquer descontos, honorários de advogados, mais com o valor integral da planilha.

Isto é respeito e distância de vingança e retaliação.

Todos aprenderam a lição: não ouvir ou seguir Imundos, oportunistas e X-9 de patrão.

Parabéns colegas MJRato/Sesab.

Obrigado Deputada Maria Del Carmem!

Fonte: Sindvigilantes Bahia

PARAÍBA: Grupo faz reféns em Lucena em fuga após explodir carro-forte em Cruz do Espírito Santo

Polícia Militar confrontou assaltantes em Lucena, no Litoral Norte da Paraíba. Ataque a carro-forte ocorreu na manhã de segunda-feira (6) no km 57 da rodovia, diz PRF.



Carro-forte ficou completamente destruído após ataque na manhã desta segunda na BR-230 em Cruz do Espírito Santo (Foto: Walter Paparazzo/G1)

Um carro-forte foi atacado na manhã desta segunda-feira (6) no km 57 da BR-230, nas imediações do município de Cruz do Espírito Santo, na Região Metropolitana de João Pessoa. De acordo com a Polícia Rodoviária Federal (PRF), o ataque ocorreu no mesmo lugar onde havia sido registrado uma outra explosão a carro-forte há dois meses.

No início da tarde, a Polícia Militar confrontou o grupo de assaltantes na região de Lucena, no Litoral Norte da Paraíba. Segundo as primeiras informações da PM, até as 14h os suspeitos tinham feito reféns e negociavam a rendição com a polícia.

Segundo a PRF, no momento do crime os assaltantes estavam vestidos com roupas militares e armados com fuzis. Após o ataque, a quadrilha fugiu em um Volkswagen Touareg preto.

Estradas vazias favorecem ataques a carros-fortes no Nordeste, diz associação

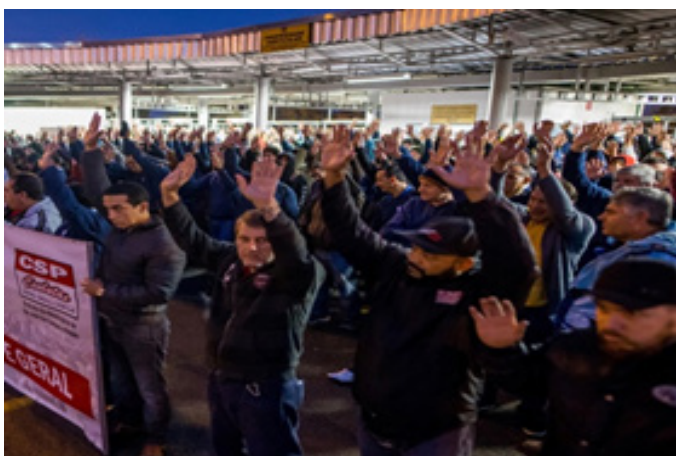
Uma equipe da PRF estava no local até as 10h30. A Polícia Militar também confirmou o caso, mas por ter acontecido em uma rodovia federal, a responsabilidade de fazer o isolamento do local era da PRF. Até as 10h30 nenhum suspeito havia sido localizado.

Segundo levantamento feito pelo G1, com base em dados da Associação Brasileira de Transporte de Valores, somente no primeiro semestre de 2018, a Paraíba registrou sete ataques a carros-fortes. São 16 casos entre 2016 e o primeiro semestre de 2018. O número de ataques nos primeiros seis meses do ano cresceu cerca de 53% em todo o Brasil.

Fonte: G1 PB

Com nova lei trabalhista, grandes sindicatos enfrentam impasses para fechar negociações

No primeiro semestre, a quantidade de convenções acertadas recuou 45,2% na comparação com o mesmo período de 2017.



Trabalhadores da GM aprovaram PLR de R\$ 14,4 mil em São José dos Campos (Foto: Divulgação/Sindicato dos Metalúrgicos)

Os grandes sindicatos que sentam à mesa de negociação até o fim do ano vão encarar um ambiente adverso para conseguir fechar as convenções coletivas nas primeiras discussões sob a validade da nova legislação trabalhista. Já no primeiro semestre a quantidade de convenções acertadas recuou 45,2% na comparação com o mesmo período de 2017, segundo um levantamento da Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (Fipe). No mesmo período, os acordos recuaram 34%.

A dificuldade vem desde novembro do ano passado, quando entrou em vigor a reforma, que alterou uma série de pontos e tornou a negociação entre empregado e patrões mais aberta e, conseqüentemente, postergando os acertos.

“Alguns sindicatos patronais estão querendo tirar conquistas obtidas anteriormente. Isso deixa tudo mais difícil e, por isso, a quantidade de negociações concluídas está caindo”, afirma o pesquisador da Fipe e responsável pelo levantamento, Helio Zylberstajn.

As convenções estipulam uma série de cláusulas econômicas e sociais e precisam ser aprovadas pelos sindicatos dos trabalhadores e patronais da categoria para ter validade e, por isso, estão mais difíceis de serem concluídas. Os acordos podem envolver apenas o sindicato e uma empresa.

O segundo semestre é marcado pelas negociações de categorias importantes - como bancários, metalúrgicos e químicos -, e impactam milhares de trabalhadores. Os resultados dos pleitos costumam servir de referência para outros sindicatos.

Quantidade de negociações concluídas

Estrutura da negociação	1º semestre de 2017	1º semestre de 2018	Redução
Acordos	11.462	7.563	34%
Convenções	1.680	920	45,2%
Total	13.142	8.483	39,6%

Fonte: Fipe

A reforma trabalhista obrigou sindicatos patronais e de trabalhadores a reverem ponto a ponto as convenções coletivas porque ela acabou com a chamada ultratividade. Até então, com a ultratividade, os benefícios adquiridos estavam garantidos.

A mudança na legislação trabalhista também determinou que as convenções e acordos vão prevalecer sobre a legislação em diversos pontos como jornada de trabalho, intervalo, banco de horas, plano de carreira, home office, trabalho intermitente e remuneração por produtividade.

Contribuição tem sido entrave

O principal entrave para a concretização das negociações até agora tem sido a interpretação pelos sindicatos dos trabalhadores com relação à possibilidade de cobrança da contribuição sindical. A dúvida é se ela pode valer para todos se aprovada em assembleia. As entidades patronais sempre foram contrárias.

Antes da reforma, a contribuição sindical era um desconto obrigatório que equivalia a um dia de trabalho. Com o fim dessa cobrança, as entidades sindicais perderam recursos. A receita do Sindicato dos Químicos de São Paulo, por exemplo, caiu R\$ 7 milhões, de R\$ 23 milhões para R\$ 16 milhões.

“O que a reforma trabalhista determinou é que a autorização para o desconto da contribuição sindical tem de ser expressa e individual pelo trabalhador”, afirma o coordenador do Insper Direito, Rodrigo Rebouças. “Se a empresa optar pelo desconto, sem autorização, pode ser processada.”

Em junho deste ano, o Supremo Tribunal Federal (STF) rejeitou a tese de obrigatoriedade com a cobrança da contribuição sindical.

Arrecadação sindical

Volume arrecadado em milhões de R\$

13132,62,631,731,711511523,623,6 Centrais sindicais Confederações Federações Sindicatos Março/17M arco/180255075100125

Fonte: TST

Sindicatos antecipam discussões



Com o cenário incerto para a formalização das negociações, trabalhadores e patrões anteciparam as conversas com o objetivo de acertar uma convenção coletiva. No caso dos químicos, a data-base para as negociações é apenas em 1º de novembro, mas eles já formaram uma comissão bipartite para debater o que se deseja colocar na mesa de negociação.

“Nessas primeiras conversas estamos debatendo os pontos de todas as partes. É uma preliminar do que virá pela frente”, diz o coordenador-geral do Sindicato dos Químicos, Osvaldo Bezerra.

O consultor jurídico do Simproquim, Enio Sperling Jacqus, diz que, com a mudança na legislação trabalhista, as empresas já estudam alterações em alguns pontos como no trabalho temporário. “Vamos procurar fazer alguns ajustes. Com relação ao reajuste salarial, isso ainda é uma incógnita por causa da situação econômica do país.”

Os metalúrgicos começaram a conversar com os sindicatos patronais no primeiro semestre, embora a data-base da categoria seja em 1º de setembro. Na pauta de reivindicação, entregue em julho, a convenção coletiva é o primeiro

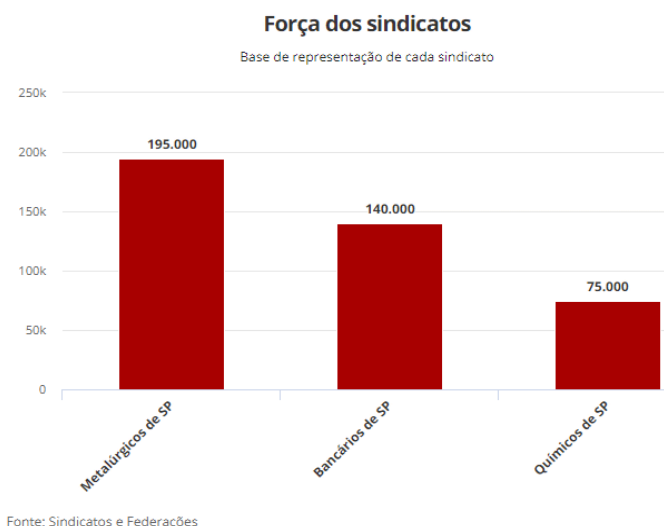
de vários eixos. Os outros eixos incluem participação, salário e obviamente aumento real.

“Falamos da importância da convenção e temos tido esse tipo de conversa com os trabalhadores nos últimos meses”, afirma o presidente da Federação dos Sindicatos de Metalúrgicos da CUT São Paulo (FEM/CUT), Luiz Carlos da Silva Dias.

Mais avançada, a negociação dos bancários já ocorre desde junho. A data-base da categoria também é 1º de setembro. Entre as reivindicações dos trabalhadores do setor, estão a manutenção da convenção coletiva e uma reposição salarial real de 5%.

“Não vamos recuar com as conquistas da nossa convenção coletiva, com validade nacional, que este ano completa 27 anos”, afirma a presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e região, Ivone Silva.

Por meio de nota, a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) destacou que a antecipação das negociações deste ano ocorreu justamente para “permitir o amplo diálogo requerido pelo novo ambiente decorrente da atualização da legislação trabalhista.”



Fonte: Sindicatos e Federações

Fonte: G1 SP NOTÍCIAS

“The Economist” confirma: Bancos no Brasil têm lucro alto em qualquer situação

Presidenta da Contraf-CUT aponta algumas das razões para os altos lucros dos bancos brasileiros



Com O movimento sindical bancário sempre disse que os bancos brasileiros ganham em período de crise ou de bonança. Mas, para muitos, isso não passa de discurso de sindicalista para fazer pressão sobre os bancos e forçá-los a atender as reivindicações do movimento.

Mas, agora, a britânica “The Economist”, uma das maiores revistas econômicas do mundo, é quem faz a mesma constatação. Segundo a revista, o lucro dos bancos brasileiros se mantém alto independentemente da situação econômica do país, seja em momentos de crise

ou de prosperidade.

O artigo observa que os bancos brasileiros mantiveram a lucratividade durante o período de hiperinflação da década de 1980 e início dos anos 1990, assim como no recente período de recessão econômica de 2015 e 2016, com o país já sob o comando de Michel Temer. A revista observa ainda que, em 2017 e 2018, com a economia do país estagnada, os bancos brasileiros continuam registrando lucros altos.

Analistas do mercado financeiro acreditavam que, com a queda da taxa básica de juros (Selic) os bancos seriam obrigados a baixarem

suas taxas e, com isso, haveria uma redução de lucros do setor. “A Selic caiu de 14,25% em outubro de 2016 para 6,5% ao ano atualmente, mas os bancos sempre inventam uma desculpa para manter suas taxas nas alturas. Além disso eles agora passaram a ganhar mais também com as tarifas sobre serviços. Os lucros dos três maiores bancos privados do país continuam nas alturas”, observa Juvandia Moreira, presidenta da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT).

Em 2017, os ganhos dos bancos com tarifas de serviços bancários aumentaram 10% na comparação com o ano anterior, somando R\$ 126,4 bilhões. Os valores sobem tanto que a inflação de serviços bancários, em 2017, foi de 8,96%: três vezes mais que a geral, de 2,95% (IPCA/IBGE).

A receita dos bancos com tarifas por serviços bancários é secundária. Os bancos ganham muito mais com outras operações. “Essa é uma receita ínfima para os bancos, mas ela é maior do que o orçamento do governo federal para a Saúde (R\$ 114,8 bilhões) e para a Educação (R\$ 109 bilhões)”, observou Juvandia.

Para a revista, a concentração do setor é uma das explicações para a grande lucratividade dos bancos brasileiros. O setor é dominado por cinco grandes bancos (Banco do Brasil, Bradesco, Caixa, Itaú e Santander). The Economist observa que a concentração tem aumentado nos últimos anos, após a compra do HSBC pelo Bradesco e das operações de varejo do Citibank pelo Itaú.

“Mas, essa não é o único motivo que leva ao grande lucro dos bancos no Brasil. Aqui, eles fazem o que quiserem. Aumentam

suas tarifas indiscriminadamente, mantém spreads altíssimos, promovem a venda casada de produtos, exploram seus funcionários, estabelecendo metas abusivas de vendas e obrigando-os cumpri-las, sob o risco de perderem o emprego”, afirmou a presidenta da Contraf-CUT. “Os bancos obrigam os funcionários a trabalharem todo arrumadinho. Quem os vê trabalhando, desta maneira não imagina a pressão que eles precisam suportar para cumprir as metas estabelecidas. Isso faz com que a categoria seja uma das que mais precisam se afastar de suas funções devido a doenças causadas pelo trabalho que realizam”, completou Juvandia.

Para a presidenta da Contraf-CUT, os problemas que afetam a categoria podem se ampliar após a aprovação da reforma trabalhista. “Lutamos pela manutenção dos direitos estabelecidos em nossa Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) e na antiga CLT. Os bancos estão com a faca e o queijo na mão e nos ameaçam com o corte de conquistas de décadas de luta. Mas, eles lucram muito no Brasil e podem garantir aumento real para a categoria e manter todos os direitos. Os bancários precisam estar preparados para lutar por isso”, alerta Juvandia.

Os bancários, que tem data-base em 1º de setembro, estão em Campanha Nacional. O reajuste que cubra a inflação medida pelo INPC/IBGE, mais aumento real de 5%, a manutenção dos direitos previstos na atual CCT e o fim das demissões estão entre as principais reivindicações da categoria.

Fonte: Contraf-CUT

Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV

Presidente da CNTV: José Boaventura Santos

Secretário de Imprensa e Divulgação: Gilmário Araújo dos Santos

Colaboração: Jacqueline Barbosa

Diagramação: Aníbal Bispo

www.cntv.org.br

cntv@terra.com.br

(61) 3321-6143

SDS - Edifício Venâncio Junior,

Térreo, lojas 09-11

73300-000 Brasília-DF